

“O NARCISISMO LITERÁRIO EM NOVECENTO, DE ALESSANDRO BARICCO”. Roberta Mataragi, Maria Celeste Tommasello Ramos. – Inter-áreas - Letras - Departamento de Letras Modernas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Campus de São José do Rio Preto.

A pesquisa intitulada “O narcisismo literário em *Novecento*, de Alessandro Baricco”, que atua na área de interseccção entre Mitologia e Literatura Italiana, está sendo desenvolvida com base na metodologia fenomenológica-hermenêutica, com o propósito de verificar se tal narrativa pode ser entendida como narcisística. Ou seja, pretende-se analisar se o texto literário italiano estudado pode ser classificado segundo a teoria utilizada de Linda Hutcheon (1984), que apontou a narrativa narcisística como aquela centrada na importância do fazer literário (que se vê sendo construída e por isso questiona-se explícita ou implicitamente).

Segundo a teoria estudada, podemos notar que os textos considerados narcisistas revelam autoconsciência e auto-reflexão focados para fora, orientados na direção do leitor. Este, por sua vez, é acolhido no estudo tocante ao contexto da época em que a obra foi escrita, já que deve empenhar o intelecto, a imaginação e o emocional, durante o processo de leitura e interpretação do mesmo. Com o intuito de melhor compreensão sobre a base teórica utilizada no presente trabalho, julgou-se necessário algumas considerações sobre a mesma.

Considerando os estudos da autora, o fenômeno do narcisismo literário manifesta-se pela presença da metaficção na narrativa, isto é, a ficção sobre a ficção. Esta inclui em seu interior um comentário sobre sua própria identidade narrativa ou lingüística. No dizer de Barthes, a metalinguagem deixa de ser exclusivamente crítica – uma espécie de metalinguagem exterior ao texto – para se tornar elemento participante da produção estética. Deixa de ser um fazer crítico para se tornar componente expressivo, situado no interior do próprio objeto literário.

Para designar essa autoconsciência textual, Hutcheon utiliza o adjetivo narcisista, a partir de uma leitura alegórica do mito de Narciso. A autora alerta para as possíveis leituras psicanalíticas do termo, descartando-as, uma vez que narcisista no caso é o texto, não o autor. Narrativa narcisista é, portanto, a narrativa que, como Narciso, se enamora de sua própria imagem refletida; é o processo feito visível por meio dessa reflexão.

A metaficção constitui o primeiro comentário crítico da ficção e dessa forma estabelece a moldura crítica na qual deve ser considerada. Os romances metaficcionais tendem a ser construídos com base numa oposição fundamental: a construção de uma ilusão ficcional, como no realismo tradicional, e o desnudamento dessa ilusão. Como afirma Miorin (2006), “o mínimo denominador da metaficção é criar simultaneamente um universo ficcional e elaborar uma assertiva sobre a criação desse universo. ‘Os dois processos estão reunidos numa tensão formal que anula a distinção entre ‘criação’ e ‘crítica’”.

Segundo Hutcheon, a metaliteratura pode assumir formas diversas. A expressão da metalinguagem pode ser construída, direta ou indiretamente, pelo narrador, por meio de digressões ou ironia, bem como pode ser feita pelas personagens, quanto pela temática conjuntiva apresentada na progressão dos eventos narrados.

De acordo com Miorin (2006), embora se classifique o fenômeno narcisístico como um fenômeno próprio da literatura pós-moderna, é conveniente lembrar que estamos tratando de algo que se evidenciou com maior força no início do século XX. Tal fenômeno, segundo Rinaldo Gama (*apud* MIORIN, 1999, p. 41), não tem a necessidade de ser detalhado, uma vez que, para entender “o porquê desse rumo tomado pelas artes no *Novecento*; bastaria lembrar uma palavra: crise. Como qualquer ser vivo, as artes voltaram-se para si mesmas”.

A procura ficcional transformou-se - metamorfoseou-se - na procura da ficcionalidade, na procura de seu *status* como ficção. Mudaram-se os interesses em torno da Literatura. O interesse por como a arte é criada supera muitas vezes o interesse pelo que é criado. Processo e produto concorrem em grau de importância. Assim como o belo Narciso, também a literatura “ao fingir destruir-se como linguagem objeto sem se destruir como metalinguagem” (HORN, *apud* MIORIN, 2000, p. 49), faz com que sobreviva a metalinguagem, ou a flor, que se configura nessa outra maneira de narrar, presente na obra de Alessandro Baricco aqui estudada.

Feita uma introdução sobre a teoria estudada, acreditou-se pertinente o conhecimento da obra por meio de sua fábula para melhor compreensão da análise e exemplificação realizadas em seguida.

Novecento é um monólogo da literatura italiana escrito por Alessandro Baricco no ano de 1994. A obra apresenta o enredo ficcional sobre um navio chamado *Virginian* que fazia viagens entre a Europa e a América entre os anos em que ocorriam as duas guerras mundiais, transportando tanto passageiros milionários como imigrantes. No navio exibia-se todas as noites um pianista extraordinário, de uma técnica brilhante, capaz de tocar uma música jamais ouvida antes, maravilhosa. Sua história de vida era inacreditável, pois diziam que nascera naquele navio e que nunca descera de lá, mas ninguém sabia o porquê. Seu nome era Danny Boodmann T. D. Novecento. Temos o referido enredo narrado pelo personagem Tim Tooney, um trompetista componente da banda de Novecento.

Com base na teoria e sabido o enredo da obra, pode-se identificar a questão do narcisismo em *Novecento* tanto no nível narrativo, considerando a trajetória do protagonista, como no nível discursivo.

No nível narrativo, é possível relacionar o mito de Narciso com o drama existencial também vivido por Novecento, pois ambos estão presos, um à paixão por uma imagem e o outro ao navio que se movimenta por ele. No mito de Narciso, tem-se a história de um jovem de extrema beleza que não se rendia aos encantos das ninfas que o adoravam, pois, pensando somente em si mesmo (devido à paixão por sua própria imagem), não admitia relacionar-se amorosamente com outras pessoas. Dessa maneira, morreu na fonte em que passou os últimos dias de sua vida a olhar apaixonado para seu próprio reflexo. Do mesmo modo, na narrativa sobre a vida de Novecento nota-se que este também era um jovem que vivia pensando em si e na sua relação com as pessoas do mundo exterior ao *Virginian*, com as quais dizia não poder relacionar-se fora do navio. Não tinha domínio sobre esse mundo exterior e infinito, ao contrário, dizia ele dominar as teclas do piano; o seu mundo no navio. Como observa-se na página 66,

Ora tu pensa: um pianoforte. I tasti iniziano. I tasti finiscono. Tu sai che sono 88, su questo nessuno può fregarti. Non sono infiniti, loro. Tu sei infinito, e dentro questi tasti, infinita è la musica che puoi fare. Loro sono 88. Tu sei infinito. Questo a me piace.

Por fim, acabou morrendo no mesmo ambiente em que viveu toda a sua crise existencial, submerso nas águas do mar.

No nível discursivo, tem-se a expressão da metalinguagem no monólogo construída pelo protagonista Novecento e pelo narrador-personagem Tim Tooney. Assim, temos a metaliteratura assumindo formas diversas, como apontado por Linda Hutcheon, o que é possível notar tanto no momento em que Novecento diz “conhecer” o mundo (sem o ter conhecido na realidade, considerando que jamais descera do navio), pois suas descrições trazem informações baseadas nas narrativas que lhe foram feitas pelos passageiros que conheceu no *Virginian*, quanto na reflexão feita em seguida pelo amigo Tim.

Novecento, ci sei mai stato a Parigi, tu?

No.

E allora...

Cioè... sí.

Sí cosa?

Parigi.

Potevi pensare che era matto. Ma non era così semplice. Quando uno ti racconta con assoluta esattezza che odore c'è in Bertham Street, d'estate, quando ha appena smesso di piovere, non puoi pensare che è matto per la sola stupida ragione che in Bertham Street, lui, non era mai stato. Negli occhi di qualcuno, lui, quell'aria, l'aveva respirata davvero. A modo suo: ma davvero. Il mondo, magari, non l'aveva visto mai. Ma erano ventisette anni che lui, su quella nave, lo spiava. E gli rubava l'anima. (p. 38-39).

Considerando a teoria estudada, tem-se que a expressão da metalinguagem também pode ser construída pela temática conjuntiva apresentada na progressão dos eventos narrados. Em *Novecento*

tem-se a temática desenvolvida sobre a vivência do protagonista no navio durante a época em que ocorriam as duas guerras mundiais, fato este que exige do leitor o empenho do intelecto, da imaginação e do emocional, durante o processo de leitura e interpretação do mesmo. O leitor também deve considerar o contexto da época em que a obra foi escrita, o da pós-modernidade, pois no referido período estão presentes na consciência humana os reflexos conseqüentes dos acontecimentos agora narrados por meio da representação ficcional.

Isto posto, tem-se a concepção de Scarsella (2003, p. 66) de Novecento como um mito pós-moderno, visto que o protagonista vê na multiplicidade das vidas das muitas pessoas que conhece no navio uma única realidade. Segundo o autor, Novecento seria um símbolo da história do século:

Mentre la cornice semiseria e grottesca dell'insieme sembrerebbe vietare una lettura pregiudizialmente simbolica, la precisione con cui è scandita la cronologia della narrazione intende creare una struttura di contenimento alla deriva nel surreale, indicando nel contempo i limiti simbolici della storia di Novecento, che è anche la storia *del* Novecento, secolo cosiddetto (e suggestivamente) *breve* per aver bruciato le sue tappe in due guerre mondiali:

- nascita di Novecento (1900)
- morte del padre putativo (11 marzo 1908)
- arrivo del narratore Tim Tooney nel 1927
- duello pianistico con Jelly Rolly Morton (estate 1931)
- tentativo di Novecento di scendere dalla nave (febraio 1932)
- Tim Tooney lascia la nave (21 agosto 1933)
- Immediato dopoguerra: esplosione del *Virginian* e morte di Novecento.

O navio *Virginian*, destinado como hospital para feridos de guerra, é uma boa representação do entrelace da história fictícia de Novecento com os fatos históricos das guerras do mesmo século. Da mesma forma, a morte do personagem Novecento pode representar a “morte”, a destruição, a marca do fim do século por causa das guerras ocorridas. O que seria o retrato da perturbação, da crise existencial do homem do século. Como afirma Scarsella (p. 66) sobre, e, em seguida, exemplifica com uma citação retirada de Novecento,

La distruzione della nave ricorda la soluzione finale riservata alla locanda Amayer, dove il narratore stesso polverizzava il dispositivo generatore di fiction:

Insomma, era una storia finita, quella. Poi un giorno mi arriva una lettera. [...] Diceva che il *Virginian* se n'era tornato a pezzi dalla guerra, l'avevano usato come ospedale viaggiante, e alla fine era così mal ridotto che avevano deciso di buttarlo a fondo. Avevano sbarcato a Plymouth il poco equipaggio rimasto, l'avevano riempita di dinamite e prima o poi l'avrebbero portata al largo per farla finita: bum, e via. Poi c'era un poscritto e diceva [...] Novecento, lui mica è sceso. (p. 17).

Desta maneira, notou-se a possível identificação do fenômeno do narcisismo literário na obra italiana *Novecento*, Alessandro Baricco. Como foi observado, a construção da metaliteratura assumiu formas diversas no monólogo. Houve a expressão da metalinguagem construída pelo personagem protagonista Novecento, pelo discurso do narrador-personagem Tim Tooney e pela temática conjuntiva apresentada na progressão dos eventos narrados, como previsto na teoria de Linda Hutcheon. Também foi observado que se fez necessária a colaboração do leitor na co-criação de sentidos a partir do texto, pois ele necessitava compreender o contexto histórico da época em que a obra foi escrita.

Referências Bibliográficas:

BARICCO, A. *Novecento*: un monologo. Torino: Angolo Manzoni, 2000. (Collana Corpo 16, 13).
HUTCHEON, L. *Narcissistic Narrative: The Metafictional Paradox*. New York e London: Methuen,

1984.

MIORIN, C.V. *Narcisismo literário*: espelhamento, procura e fuga em A consciência de Zeno e “O meu ócio”, de Italo Svevo. São José do Rio Preto: 2006. Dissertação (Mestrado)– Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

SCARSELLA, Alessandro. *Alessandro Baricco*. Fiesole (Firenze): Cadmo, 2003.